

# SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO ASSEGURA PROFESSORES EM SALA

## ENTREVISTA

a Alexandre Botão

Da equipe do Correio

# Antônio Ibañez

*"Existe uma cultura da reprovação que tem de ser mudada. O culpado não é o aluno. Os culpados são os professores, o diretor e o próprio governo"*

Brincam alguns integrantes do sindicato dos professores que não há diálogo com o Governo do Distrito Federal porque o Secretário de Educação não fala português. É mal-adequado. Espanhol naturalizado brasileiro, o secretário Antônio Ibañez Ruiz fala português sim. Com um sotaque carregado, mas fala. Reitor da Universidade de Brasília de 1989 a 1993, Ibañez assumiu a Secretaria no primeiro dia do governo Cristovam com a responsabilidade de tocar a promessa mais importante da campanha: a Bolsa-Escola. Obteve os melhores índices de popularidade entre os secretários, mas não pretende continuar no comando da Educação de Brasília num eventual segundo mandato do governador. Seus planos estão 3,5 km mais distantes — quer disputar, nas eleições de outubro, uma vaga no Senado Federal: "É uma opção". Na quinta-feira, Ibañez recebeu o Correio Braziliense para falar — com sotaque — sobre a falta de professores, a cultura da reprovação e os problemas do Telematrícula, entre outras coisas.

Correio Braziliense — As aulas na rede pública começam nesta quarta-feira. Vamos iniciar mais um ano letivo sem professores?

Antônio Ibañez — Não. É claro que eventualmente pode faltar algum professor que não irá à aula porque ficou doente na quarta-feira ou porque teve algum problema pessoal. Mas hoje não há falta de professores. Correio — No ano passado, vários alunos foram prejudicados, principalmente os alunos do segundo grau que fizeram o Programa de Avaliação Seriada (PAS). Neste caso, aliás, o prejuízo é irreversível, já que eles não terão outra oportunidade. O sr. não se sente culpado?

Ibañez — Olha, todas essas escolas tiveram mais de 180 dias de aula. Foram 195 dias. Aí você já tem um número maior que o previsto pelo currículo. Pode ser que em alguns casos, mesmo essa margem não tenha sido suficiente para cobrir os dias sem aula...

Correio — Em vários casos.

Muitos alunos ficaram sem professores de Física, Química, por mais de um mês.

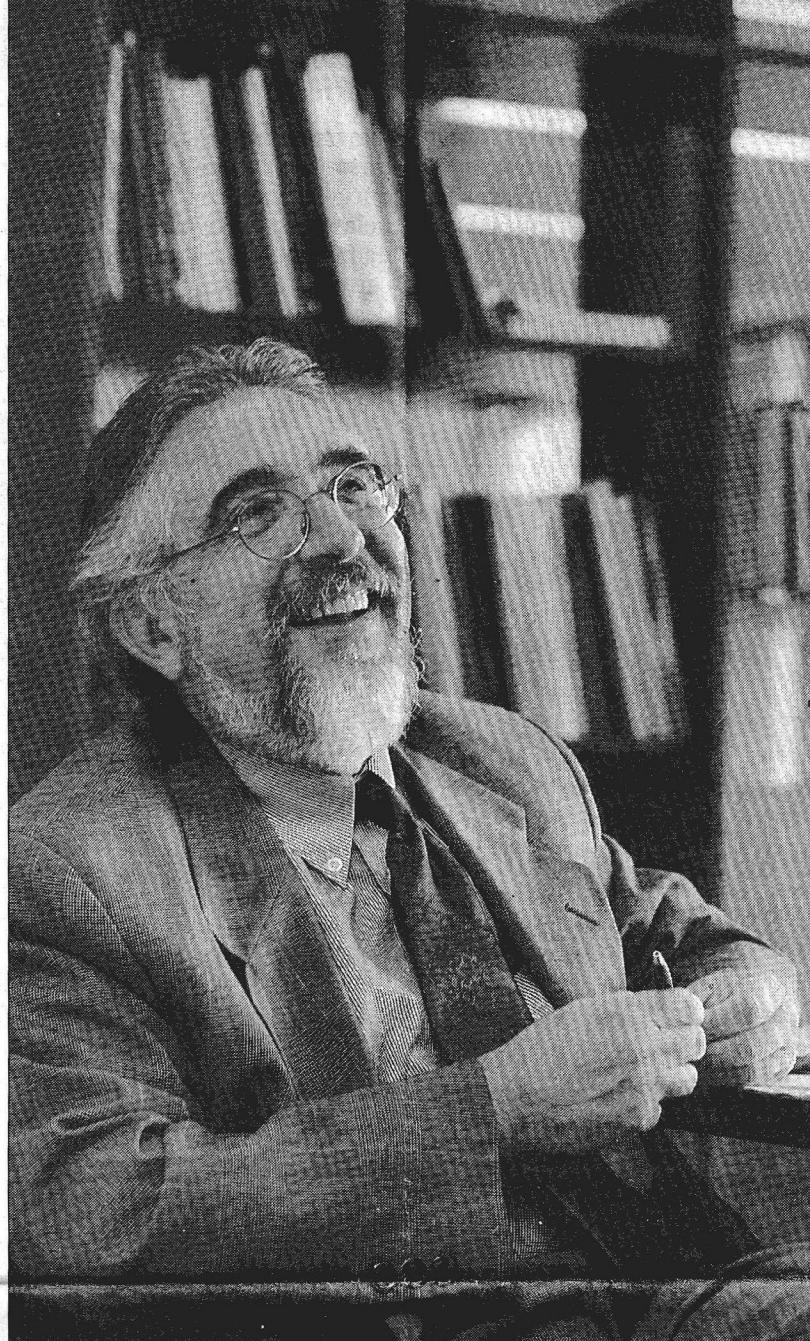
Ibañez — Nós entramos em contato com as escolas explicando a melhor maneira de fazer a reposição. Algumas, eu imagino, fizeram essa reposição, outras, pode ser que não. Correio — Mas o sr. não respondeu o que eu perguntei. O sr. se sente culpado por esse prejuízo aos alunos do PAS?

Ibañez — Evidentemente que como dirigente a minha intenção era a de que esses alunos tivessem um número de aulas maior que as necessárias. Mas eu acho que fizemos todo o possível para que isso acontecesse.

Correio — Não é um absurdo os alunos da rede pública só terem aulas de Inglês, por exemplo, a partir do segundo grau, enquanto os que estudam em escolas particulares já aprendem a língua desde a quinta série?

Ibañez — Olha, o currículo do pri-

Zuleika de Souza



*Na carona da Bolsa-Escola, Ibañez pode tentar o Senado: "É uma opção"*

meiro e segundo graus não prepara o aluno para fazer o vestibular ou o PAS. O menino não teve Inglês, mas teve outras disciplinas. Porque a preocupação é formar um cidadão. E esse cidadão precisa de outras disciplinas: orientação sexual, valorizar os princípios éticos...

Correio — Ou seja, o currículo

é feito para formar um cidadão, mas não para que esse cidadão passe no vestibular.

Ibañez — Se houver um currículo que é feito para passar no vestibular, eu acho que é um erro.

Correio — O ano letivo começa com uma greve de professores

engatilhada pelo sindicato. O governo pretende fazer uma mágica para evitar essa greve?

Ibañez — Eu, até hoje, não ouvi nada a respeito de greve.

Correio — Até o final da década de 70, as escolas públicas tinham uma boa imagem. Muitas delas, como a Escola Classe 308 sul, eram consideradas fora de série. O que aconteceu nos anos 80 que fez com que o ensino público desandasse?

Ibañez — Houve um aumento da procura e uma redução dos recursos investidos. Faltou determinação política do governo federal e dos governos locais para investir em Educação.

Correio — Há casos de escola pública, hoje, que têm números de repetência assustadores. É o caso do Setor Leste, que é considerado um bom colégio, mas trabalha com índice de reprovação de 40%. Não é muito alto?

Ibañez — Muito, muito. É um dos pontos que nós estamos atacando e que está melhorando. Existe uma cultura da reprovação que tem de ser mudada. O culpado não é o aluno. Eu acho que os culpados são os professores, o diretor e os dirigentes, o próprio governo.

Correio — Escola pública ruim é uma realidade ou um problema de marketing?

Ibañez — Não sei. Mas eu acho que está havendo uma redução nessa imagem.

Correio — O Telematrícula (sistema de matrícula por telefone) foi, entre outras coisas, um bom marketing?

Ibañez — Talvez não tenha sido. Foi muito melhor do que está parecendo. Foi uma solução que se deu e que, de repente, por algumas falhas que são normais num processo inovador, estão procurando acabar com o sucesso do Telematrícula.

Correio — No ano passado, a Secretaria, por uma falha contábil, estava atrasada em mais de um ano com a prestação de contas da verba do MEC para a merenda escolar. O

sr. disse que já havia demitido o responsável por essa área. Já contratou alguém realmente responsável para cuidar da prestação de contas?

Ibañez — Eu discordo disso. A prestação de contas não tinha sido feita porque nós não havíamos gasto o dinheiro até aquela época. Mas naquela época não faltou merenda e nós não solicitamos mais verba porque não precisávamos.

Correio — Mas em nenhum momento se questionou isso. O problema foi que a falta de prestação de contas fez com que o governo deixasse de receber R\$ 8 milhões naquele ano. Um luxo que contrastava com o alto número de reclamações sobre a qualidade da merenda escolar. E o sr. mesmo disse que foi uma falha da Secretaria não ter feito essa prestação de contas. Então, substituiu ou não o responsável?

Ibañez — Não trouxe nenhum juízo. Mas de qualquer forma houve substituição.

Correio — O MEC divulgou em outubro números que mostram que 2,45% das crianças do Distrito Federal que deveriam estar no ensino fundamental estão fora das salas de aula. É esse mesmo o índice?

Ibañez — Aqui em Brasília são mais ou menos 6 mil crianças (segundo o MEC são 7.707) fora da sala de aula. Eu não contesto esses dados. De qualquer forma, este é um índice que é o mesmo da Bélgica. Mas eu ainda não estou satisfeito...

Correio — Até porque com 6 mil crianças fora das salas de aula, aquele lema de "Toda criança na escola" ainda está longe...

Ibañez — Mas existe uma diferença entre trabalhar com uma política educacional para ter toda criança na escola e ter apenas uma campanha para isso. Nós estamos trabalhando desde o primeiro dia e vem dando certo. Agora, o MEC só descobriu em outubro de 1997 que tinha criança fora da escola?